O Gaiato

PORTE PAGO

Quinzenário • 13 de Junho de 1992 • Ano XLIX — N.º 1259 — Preço 30$00 IVA incluído

Propriedade da Obra da Rua — Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes — Fundador: Padre Américo

Dias Mundiais

Vale a pena sensibilizar a opinião pública

NOS últimos anos têm-se multiplicado a vários propósitos, certamente com o objectivo de chamar a atenção dos povos para a temática que cada Dia Mundial propõe. Oxalá tais objectivos sejam conseguidos, pois, seja o tema de natureza cultural ou social, é sempre algo para que vale a pena sensibilizar a opinião pública.

Ontem e hoje celebraram-se dois destes Dias: o *das Comunicações Sociais*, já pela vigésima sexta vez consecutiva; e o *da Criança*, não sei há quantos anos. Dois assuntos importantes e sempre oportunos, nos quais estamos profundamente comprometidos. Dois assuntos que, embora distintos de razão, se encontram indissolúvelmente ligados ao nível da nossa vida.

Comunicar faz parte do carisma de Pai Américo. O encontro do seu caminho sacerdotal no serviço dos Pobres, o seu andar por lá no meio deles, logo desperta nele a

Continua an página 4

Nuno Miguel, de Miragaia. Que seria dele, de tantos que vieram do Barredo para as Casas do Gaiato?

Tribuna de Coimbra

Missão sublime

Fui ao aeroporto despedir-me do nosso Padre Manuel António e seu pequenino grupo. Há vinte e nove anos a despedida foi junto ao barco que os levou. Agora, na grande sala. O mesmo rumo: Benguela — Angola. Então, o grupo era um nadinha maior. Partiram com os mesmos sentimentos: *«Ajudar aquela gente»*. Será uma missão de reconstruir pessoas e reconstruir obras. Reconstruir a vida. Está quase tudo destruído. *«Temos de ir trabalhar com muita prudência e ainda com mais amor.»* Gostei muito de ouvir estas palavras, sentimentos que faltaram a muitos dos nossos colonos.

O espírito dos missionários, especialmente dos primeiros tempos, teve de ser assim. Mais tarde, muitos começaram a instalar-se. Hoje, temos de voltar ao princípio: *«Ajudar aquela gente»*. Ensiná-los a preparar o pão do corpo e a comer e depois alimentar-lhes a alma. O nosso grupo partiu consciente desta missão. Foram com Deus e em Seu Nome. Foi assim que Pai Américo andou sempre para frente.

Fiquei muito contente ao ver o Carlos a ajudar no embarque. *«Vou ver como estas coias são para ficar já a saber.»* Ajudou em tudo.

O Carlos é um jovem que se está a preparar para seguir para Moçambique. Padre José Maria, com a morte do Jaimito, ficou muito só. Tem uma grande família e necessidade de irmãos que ajudem a criar outros irmãos.

São necessários irmãos que se sacrifiquem. Que sejam capazes de deixar empregos, familiares, o seu futuro, e sigam na barca do Senhor, que vai ao leme e sabe bem o rumo. Não Se engana, nem nos engana. Ele continua a ser o Caminho, a Verdade e a Vida. Quem vai com Ele não se perde.

Padre Horácio

Ecos d'África

Tarefa apaixonante para a Obra da Rua

Começo a escrever de Luanda, às portas do aeroporto internacional. Estamos hospedados em Casa dos Padres Jesuítas que cuidam dum bairro de gente pobre. A Teresa, o Benjamim e a Aurora sentem-se felizes e serenos. É, na verdade, um pequenino oásis onde o acolhimento fraterno comove.

Vamos a caminho de Benguela. O avião que nos devia levar foi cancelado por duas vezes. Padre Telmo desceu do planalto de Malanje e veio ao nosso encontro, entretanto. Participou assim, connosco, desta paragem forçada e prolongada em Luanda. Foi lenitivo que muito nos consolou. Amanhã, se Deus quiser e os homens da TAP colaborarem, rumaremos até Benguela, meta da nossa viagem. Este é o dia 27 de Maio.

Chegámos a um mundo novo, saído da guerra estúpida que semeou desgraça sobre desgraça até há cerca de um ano. Procura, agora, a reconstrução. É uma tarefa apaixonante para a Obra da Rua. Queremos ajudar Angola, nesta hora, a sair do caos em que mergulhou.

Angola precisa de investimentos humanos como de pão para a boca!

A multidão de crianças vítimas da guerra e do abandono, a vaguear pelas ruas,é alarmante. Clamam e não há quem lhes dê a mão, enquanto é tempo, para não caírem nas prisões a abarrotar de gente adulta. Não há quem cuide delas. A Casa do Gaiato é uma gotinha d'água neste oceano. Mas as meninas da rua? Quem está e quem vem para elas? Deixo a pergunta, apenas.

Enquanto se fazem planos de investimento em dinheiro, que não fiquem atrás os investimentos humanos. Angola precisa destes como de pão para a boca. É condição do equilíbrio duma sociedade a reconstruir. Grande responsabilidade cabe à Igreja em Portugal. As crianças abandonadas de Angola voltam-se para Ela e suplicam.

Com os pés e o coração neste país, lembramos os Amigos que, na rectaguarda, nos ajudaram a preparar o regresso. «As necessidades são tantas... Só a reabertura das Casas de Angola e Moçambique são um grande sorvedoiro de meios materiais e, ao mesmo tempo, faróis de irradiação espiritual.» Só uma luz sobre o alqueire e nada mais.

O sector da saúde é dos mais abandonados. Por isso batemos à porta de bom número de Laboratórios a lembrar a oportunidade de ajudarem. Na volta do correio veio a resposta do Laboratório Alter, com um pacote de medicamentos. Outros

Continua na página 3

SETÚBAL

Um santuário

O Padre Américo chamou às Casas do Gaiato um *santuário de almas*. Para ele, para nós e para todos os que acreditam em Jesus Cristo, cada rapaz da rua comporta de uma forma especialmente sensível a imagem viva e a presença mística, mas real, do próprio Deus!

Esta é a razão fundamental da nossa entrega a eles, sermos consagrados a Deus.

Um santuário é para os crentes um lugar de peregrinação. Um espaço propício ao encontro com Deus...

Não há o peso da tradição; tudo é vivo e actual. Não há lendas com fundamentos históricos. Não há o arranjo envolvente, próprio dos lugares de oração ou cumprimento de votos; há, sim, a carga esmagadora do sobrenatural que cada um dos garotos irradia, mais a evidente Providência Divina que a nossa vida necessáriamente revela.

Dois grandes autocarros transportaram os elementos mais comprometidos de uma comunidade eucarística de Aveiro, que aqui se deslocaram em peregrinação com um pedido: — *Queremos Missa*.

Vi logo de onde brotava a Força que os atraía à Casa do Gaiato: Jesus no Seu mistério de vida!

Continua na página 4

Pelas CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

SAÚDE — O mocito frequenta uma Escola, mas tem problemas oftalmológicos.

Numa das visitas, o casal vicentino inteirou-se do mal e agiu imediatamente, que os olhos são para estimar.

Ao longo dos anos, quantas situações do género remediámos!

Não é fácil aos Pobres tratar da vista. Não é! Especialmente no que se refere à compra d'óculos... Mas, vá lá, sempre tivemos um Amigo, do Porto, que, sabendo o destino da receita, acrescenta ao *Livro da Vida:* armações e lentes necessárias aos Pobres. *«É prá Conferência? Está pago»*. Com um sorriso d'alma que nos enche o coração. Foi sempre assim!

Hoje, com tantas *lutas contra a pobreza* — e fundos da CEE — estranhamos que nas Escolas não haja cuidado em se acudir, de pronto, especialmente os que vivem nas raias da pobreza absoluta. Evidentemente, sem olhos capazes é uma tortura estudar! Carências de que se não dá fé e escapam no bulício dos estabelecimentos de ensino... e dos organismos oficiais que poderiam dar a mão a quem precisa.

Num campo mais vasto, e numa época de menores recursos, quantas vezes Pai Américo referia o cuidado que deveriam merecer crianças e jovens que preparam o seu futuro! Da nutrição à higiene. O copo de leite. A escova para lavar os dentes... Enfim, alma sã em corpo são.

PARTILHA — *«Manel de Braga»*, apesar das suas dificuldades e até por causa delas, manda um cheque de quatro contos *«para as irmãs viúvas e um abraço para todos aqueles que se lembram delas. Ainda somos poucos! Muitos desconhecem que Jesus, no Evangelho, chama a atenção para as ajudarmos nas suas necessidades. Não escrevam! Basta mencionarem n'O GAIATO para saber que receberam o cheque»*.

Outro cheque, de Guimarães, em sufrágio da alma *«de meu marido»*. Matrimónio eterno! Num mundo em que tantos se desfazem..., o testemunho desta viúva é luz que alumia.

M. A., da Rua do Pinheiro Manso — Porto, presente com *«uma migalha para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus. Sou uma velha que muito amou (e ama) as Conferências Vicentinas»*. Na verdade, todo aquele ou aquela que segue a rota dos Pobres fica tão marcado(a), até à *Viagem* para a Casa do Pai!

Mil escudos da assinante 25219, da Rua do Cunha, Porto. O costume, *«com saudações fraternas»*, de *«Uma assinante de Paços de Arcos»*, referindo que é a *«partilha de Abril e Maio»*. Vinte mil, da assinante 26306, de Guimarães, para *«distribuirem por algumas famílias necessitadas»*, perorando *«uma oração pelo meu filho, e o Senhor lhe dê a Luz de que tanto precisa»*. Amor de Mãe que sabe das carências espirituais do filho. Por isso, sugere que as comunique-mos ao Senhor para que lhe dê a graça da Luz divina!

Habitual remessa do assinante 17258, de Baguim do Monte — Rio Tinto. Oferta, em espécie, de Adão Oculista: 11. 735$00. Tantas, iguais!! Mais vinte contos do nosso Amigo e assinante 12088, que leu *«um apelo a favor de alguém que precisa de casa, mas não é fácil encontrar esse direito. Com a intenção de ajudar a erguer esse Lar* (com L maiúsculo!), *junto a minha lembrança»*.

Um caminheiro de sempre — assinante 11902, do Fundão — traz na sua mão oito contos *«referentes à mensalidade de Maio»*. Assinante 9708, de Coimbra, cheque de 7.000$00: *«Pequena ajuda para a conta da farmácia, pois sei — por experiência própria — o preço dos medicamentos, mesmo com desconto. É por alma de meus pais que, se fossem vivos, aprovavam esta pequena lembrança»*. Óbulo que acentua as dificuldades dos doentes pobres.

«Uma velha Amiga» (de Loures?) com cinco contos *«a favor duma família com milhentos problemas. Será uma insignificância para tanta necessidade, mas de momento é o possível. Outros mais aguardam que deles me lembre. Deus vos encorage a poderem sarar tantas feridas que encontrais no caminho que Pai Américo vos ensinou a percorrer»*. Que bem! Tome lá as nossas mãos ambas.

J. R. D., do Porto, leu esta nota e, *«como sempre, fico abalada com as notícias. Por vezes, só fico pelo abalo; outras, cheia de vontade de agir, embora as disponibilidades sejam assim assim. Respondo ao vosso SOS para liquidar uma coima de 15.000$00 e espero que chegue a tempo»*. Remata: *«Tenho 66 anos e ando agora numa dúvida sobre a Vida Eterna.»* Também alguns Apóstolos sofreram dúvidas — e mais lidaram com o Mestre! Veja como a Ressurreição desfez todas elas... Cheios do Espírito Santo correram mundo, martirizaram-se, apregoando a sua e nossa Fé — pela Ressurreição de Jesus.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

PAÇO DE SOUSA

ÁFRICA — Mais um grupo se despediu da malta: O nosso Padre Manuel António, a menina Teresa, a Aurora e o Benjamim partiram com destino à Casa do Gaiato de Benguela — Angola.

Espero que tenham chegado bem — e felizes.

VISITAS — Continuamos a receber visitantes!

Com muito gosto os recebemos em nossa Casa. Afinal de contas somos a «Porta Aberta».

AGRICULTURA — A malta da lavoura está contente. Finalmente a chuva regou os nossos campos!

Espero que continue a chover para se repor a água que faltou no Inverno — necessária à nossa quinta.

FUTEBOL — Em 24 de Maio, domingo, defrontámos a equipa principal do Assento.

Ao intervalo perdíamos por 4-1. Mas, na segunda parte, tudo foi diferente. Conseguimos empatar o jogo: 4-4. Todavia, com um pouco de sorte, os do Assento marcaram mais um e ganharam por 5-4.

«Vitinho»

MIRANDA DO CORVO

OBRAS — As da casa-mãe estão prontas. Já começámos a meter as vigas e as tijoleiras para o telhado.

Estamos a preparar o largo da nespereira. Ficará com muitos bancos e uma grande mesa.

Recebemos a visita de grupos que trazem farnéis e queremos que tenham lugar para comer e estarem bem.

OFERTAS — Chegaram muitas carradas de laranjas. Parece que todas as pessoas gostam de nós. A Ford foi a Pombal buscar roupa, brinquedos, laranjas e outras coisas. Temos lá o Padre Jerónimo — sempre muito nosso amigo.

AGRICULTURA — Já temos as terras semeadas. Custaram muito, pois tivemos de regá-las primeiro.

Agora, com a chuva, está tudo pronto. Houve muitas favas e alface. Os batatais dão a impressão que terão uma boa colheita. Os tomateiros estão com flor e o feijão a trepar pelas estacas.

Comprámos uma ceifeira grande que, atrelada ao tractor, ceifou a erva dos olivais. Depois a máquina da Cooperativa enfardou a palha, já arrumada nos palheiros. Esperamos que as vacas a comam com gosto e dêem bom leite de que também gostamos muito. Agradecemos a Deus a chuva que tem caído.

Filipe

TOJAL

FAVA — Este ano, com a falta de mão-de-obra, ficou tempo de mais no faval. Resultado: muita dela secou de tanto sol apanhar. Outro factor: a seca. A fava que apanhámos foi descascada por todos, após o jantar. É mais fácil.

BATATA — Mesmo com a falta de água não tem deixado de crescer. Está com uma bonita flor. Esperamos ter uma boa colheita. Foi trabalho da comunidade e quem trabalha sempre alcança.

VISITA — Recebemos um grupo de escuteiros da Póvoa de Santo Adrião, em nossa Casa, onde acamparam. Queixaram-se das melgas, mas há quem diga que um acampamento sem melgas não é acampamento. Por isso, quem quiser vir acampar já sabe... Após este grupo recebemos cerca de 100 miúdos, da Portela, acompanhados pelos seus catequistas. Visitaram as instalações. Correram. Saltaram. Um dia para não esquecer! Até os nossos não o vão esquecer, pois tiraram partido de uma jogatana de futebol e venceram. Penso que não ficaram mal servidos nos espaços de que dispomos. Voltem sempre!

Luís Miguel Fontes

MALANJE

O nosso cruzeiro voltou. No rosto de antigos gaiatos e operários reinava a alegria de o trazer da fazenda da Carianga, onde permaneceu alguns anos, para a nossa Casa. Presença viva aos olhos de quem por ele passava. Ouvia-se o cantarolar dos cabouqueiros, numa manhã de sol, enquanto rolava o rochedo onde assenta o cruzeiro. Erguemos três varas espiadas e fizemos subir o símbolo da nossa vida: a cruz. Junto dos operários, Quim esperava o *flash*.

Alfaias com peças partidas e falta de energia, leva-nos às oficinas da cidade. Não foi possível a reparação, por falta de eléctrodos e de rebarbadora. Malanje é uma cidade onde as próprias oficinas não dão resposta a vários problemas! Quim tem o mesmo problema: procura aqui e ali onde respigar as travessas das portas da capela!

Carlitos, delegado da energia, oferece os postes e tudo faz para ultrapassar os meios humanos e materiais, pondo à nossa disposição três operários. À Sonefe pede: isoladores, linha de alta e pára-raios. Outra dificuldade surge: máquina para levantar os postes. Informados de uma empresa italiana, com escritórios na cidade, falámos ao responsável que, em poucas palavras, promete ajudar no transporte e na colocação. Agora, perfilados e ligados entre si, dá gosto vê-los, pois trazem consigo o progresso a nossa Casa. O roncar das máquinas é sinal. Quim, bem disposto, prepara madeira para roda-pés e alisares, pondo a máquina em marcha. Joaquim corta e solda tubos, barra para grades e portas. O pintor dá um novo tom de frescura e vida aos interiores da casa-mãe. Aros colocados, recebem portas e janelas. Água cristalina sai dos poços para as casas. A capela ilumina-se. A noite escura alegra-se com a presença da luz. É a nossa vida: dar luz e vida aos que precisam de amor e carinho.

Três meses passaram. O tempo limite para se pôr uma casa habitável com portas, janelas, água e luz...

Domingo, preparada a mesa do altar, o nosso Padre Telmo celebra a Eucaristia de despedida. Assistimos com os rapazes e D. Guiomar, senhora que ficou ao serviço da Obra. A necessidade da Obra da Rua em África foi a tónica da homilia, apelando à importância do espírito dos obreiros africanos e da responsabilidade que lhes cabe na educação de novos gaiatos.

Seguiu-se o almoço, junto à lagoa. Tilápias saltavam felizes. Jorge Kaluanda faz questão de participar, trazendo amigos da Casa e um bom farnel. Nada faltou, desde o calor humano à mais requintada bebida.

Agradecemos a todas as pessoas que, de uma forma ou de outra, contribuiram para o arranque da nossa Casa do Gaiato de Malanje. E à Procuradoria das Missões, em Angola, que nos recebeu quando da chegada e partida. Um bem haja a todos.

Júlio Silva

Associação dos Antigos Gaiatos do Centro

DESEJOS DE PAI AMÉRICO — A concepção da Obra da Rua e, particularmente, a criação das Casas do Gaiato, foi algo que brotou do coração de Pai Américo, providencialmente inspirado, para ser uma Palavra Nova na nossa sociedade.

Como corolário do que se afirma, é a divisa que adoptou como timbre inconfundível: Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes.

Hoje, vem isto a propósito do nosso Encontro-Convívio anual, a realizar *no próximo dia 21 de Junho* e no qual gostaríamos de ver alguns antigos gaiatos, desta Casa, que nunca mais apareceram e cujo paradeiro desconhecemos, pelo que não há possibilidade de contacto; mas, gostaríamos muito de rever outros que, por razões mal fundadas (alguns vivem, aqui, tão perto da Casa paterna...), deixaram também de marcar presença.

Gostaríamos muito (e Pai Américo, certamente, ainda mais) que, nesse dia, todas as barreiras fossem eliminadas e superadas todas as dificuldades.

E o próprio Pai Américo, como que a propósito, falou-nos assim: «Prolongai, em vós, a vossa Obra. Não a percais, secando, em vós, a seiva que circula. Que os mais velhos façam dela a menina dos seus olhos».

A Associação quer e deve caminhar no mesmo sentido da Obra da Rua e todos devemos esforçar-nos por isso. A menos que aquela seiva, que dela nos veio, tenha já secado por completo.

Porém, a fonte continua a jorrar e a ela podemos acorrer sempre que necessário. Portanto, vem no dia 21 e traz a tua família para a juntares a esta maior e com ela partilhares e conviveres.

As nossas esposas são parte integrante da Família Gaiata e é grande a satisfação e alegria da sua presença, entre nós. Venham, pois, todas, na certeza de que será um dia inesquecível.

Para além da disposição de conviver e de participar no programa que a Associação tem previsto, apenas se pede às esposas que, se possível, tragam um bolo para partilharmos a merenda, já que o almoço é a Casa-mãe que oferece.

O Centro do nosso Encontro, o Grande Encontro, será a Eucaristia, como quereria Pai Américo — e volto a citar: «... Pôr-lhes a Mesa, chamá-los ao Banquete e chorar os nossos pecados se eles não quiserem vir». Ninguém está obrigado a participar neste acto comunitário; mas, devem ser respeitados a hora, o local e os sentimentos alheios. Que o Encontro Eucarístico seja a Grande Festa de todos os convivas.

PROGRAMA: 09.00 horas — Concentração na Casa-mãe, em Miranda do Corvo; 10.30 h. — Eleição dos órgãos sociais; 11.45 — Breve ensaio; 12.h — Eucaristia, o Grande Encontro; 13.00 h. — Almoço; 15.30 h. — «A hora das esposas» (surpresa); 16.30 h. — Tempo livre para os maridos; 17.00 h. — Merenda; 18.00 h. — Despedida.

Até 21 de Junho, se não faltares.

Carlos Manuel Trindade

AGORA

Espada que fere e cura...

Aqui, esta palavra não é mais um advérbio de tempo. É uma espada que fere e *cura*... no deixar a ferida aberta tanto quanto ela possa ser fonte de transfusão de vida. Agora sim, esta manhã, o correio nos trouxe a mensagem:

«O meu sonho, quando jovem, foi ter podido oferecer ao Património dos Pobres uma casa.

Nesse tempo ela teria custado 12.000$00 e nunca pude realizar esse dinheiro.

Hoje envio um cheque de 100.000$00 que nem para um telhado dá...

Mas aqui, na Portela de Sacavém, não pode haver Autoconstrução, pois não há terrenos. Há, sim, dois bairros de horrendas barracas que são para ir abaixo. Mesmo assim a Conferência já ajudou a pôr cobertura em algumas.

Com o meu reconhecimento por tudo o que O GAIATO me dá, subscrevo-me com amizade».

Isto foi hoje, agora. A ferida aconteceu há mais de trinta anos — «o meu sonho de ter podido...» — um outro *agora* que não deixou mais de o ser até ao deste dia.

A Caridade é o *agora* incessante da nossa disponibilidade para o Bem. Que importa a impotência de um momento? Não será ela, humildemente aceite, generosamente sofrida ao longo de tanto tempo, causa de muito bem que entretanto fluiu de muitas outras origens e mérito do poder que hoje chegou ao seu alcance?! Nós acreditamos na «Comunhão dos Santos»! O dom de agora é fruto do «sonho» de então. Por isso, mais de que tudo, é o «sonho» que louvo e agradeço — este *agora* continuado durante mais de trinta anos de fecundidade escondida mas real.

Presenças fiéis

Nesta *procissão* — a de mais longo curso que conheço, pois dá a volta a Portugal — seguem os incansáveis, alguns fiéis presenças desde a primeira vez que ela saíu à rua.

É a da *Casa Louvado Seja N.S. Jesus Cristo*. É a M. M. da «simbólica» *Casa da Paz*. É a M. L. com «as migalhinhas de Maio e Junho». É a Maria Luísa com a sua «partilha de Maio e Junho em nome do Senhor Jesus» e o desabafo: «Ao ler as vossas mensagens fico sem jeito, tantas são as prioridades. Talvez uma ajudazinha a um desses heróis escondidos autoconstrutores». É a Dr.ª Felicidade, sempre lembrando a alma de seu Pai e a saúde de sua Mãe; e desta vez também pedindo lembrança para si própria, «que vou fazer um concurso muito sério e decisivo para a minha vida». Esperamos notícias. Esperamo-las as melhores. É a Palmira, da Rua Virgínia Vitorino. É a Alice, com mais «uma gotinha para a *Casa de Santa Filomena*» e uma gota maior «para telhas dos nossos irmãos que sonham com a sua casa». É a Maria Leonor, do Porto, sempre com a delicada licença de «distribuirdes conforme o vosso critério, sendo contudo as minhas maiores devoções: as vossas duas Conferências, a Autoconstrução e África». É, da Maia, a Elza e Família, com sua «renda» mensal de vinte e cinco contos e sempre uma mensagem muito simples mas reveladora de como nos inclui na Família em nome da qual subscreve as suas cartas. Esperamos a próxima para saber o resultado da Junta médica.

Vem aí, agora, a falanje dos que notamos com menos regularidade, embora muitos sejam também «useiros e vezeiros».

Do Porto, cheque de cem «para que vocês possam continuar a amar a Deus, servindo os Pobres». Não é um voto; é a lição deste nosso Amigo. É assim que ele faz.

De farmacêutica de Algés, o dobro e esta legenda:

«O GAIATO continua vivo»

«Os anos passam, vamos envelhecendo, mas o conteúdo do nosso O GAIATO continua vivo e a despertar emoções como nos primeiros tempos.

Deixo ao vosso critério a aplicação do cheque, embora a minha ternura vá de preferência para o Calvário e para a Autoconstrução.

Não agradeçam; é, apenas, um imperativo de consciência.»

Do Elói, lembranças com vários destinos e também este. O mesmo do Assinante 13519. Vinte e cinco do António de Mozelos, e vinte de outro António, de Oliveira de Azeméis. Quinze, da Maria, de Minde. Duzentos de uma Psicóloga, de Lisboa, «para ser aplicado, se assim o entenderem, na ajuda à resolução de problemas de habitação».

Continua Lisboa: Assinante 32928 com trinta; Maria, da Rua Heróis de Quionga, cinco. As «três mosqueteiras» da Força Aérea e os seus quinhentos escudos habituais, «com amizade».

Vinte cinco da Milita e Zé Augusto. Pilar, da Av. da Igreja, com cinco. O dobro do Mário, motivado por notícia saída em 18 de Abril. E outra vez o dobro da Maria Isabel, endosso de uma oferta substituída: «Este cheque pedi que mo ofertassem em vez das flores de que muito gosto, pois fico mais contente em oferecê-las para, com ajuda de Deus, fazermos um mundo melhor do que é o em que vivemos».

Padre Carlos

Ecos d'África

Continuação da página 1

demoraram mais, mas compensaram a nossa esperança: Bial, Azevedos, Jaba, Beecham, Wellcome e Bayer. A maior parte não respondeu, entretanto. Tivemos pena!

E pneus? Sem eles não podemos andar e, em Angola, é muito difícil descobri-los. A Mabor foi solicitada e não hesitou um momento: 4 deles para a Toyota Hilux que Salvador Caetano ofereceu. Mais 4, da Firestone, graças ao cuidado muito amigo da senhora D. Fátima. Quando chegarmos a Benguela este problema grave estará resolvido.

Portas abertas

Se estas dádivas valem pelo seu preço real, valem muito mais, para nós, pelo significado da participação na empresa a que deitamos ombros. Foi com este espírito que acudimos a muitas portas que se abriram com panos, roupas, calçado e outros produtos de seu fabrico, neste momento concreto da vida da Obra da Rua.

«Enviei um vale postal para Angola e Moçambique. É muito pouco para uma Obra tão grande, mas é com grande amor que ofereço.» A dádiva fria é morta. Não traz nem produz alegria. Mas, quando é oferecida «com grande amor» ganha peso e medida.

«Leio sempre de ponta a ponta O GAIATO e dá muito que meditar. Agora, com o regresso a Angola e Moçambique, Deus bata nos corações que podem, pois vivo apenas com a reforma de invalidez.» Em muitos lares não há pão. Não falo das mesas dos mais pobres que eles estão habituados a passar fome de tudo. Há mesas que não são aquecidas com um bocadinho de pão. Estraga-se tanto no Portugal donde saímos! Não esbanjeis e dizei aos vossos filhos este recado.

Amanhã, se Deus quiser, poisaremos em Benguela, com a *Caixa Postal 820 — Benguela*.

Padre Manuel António

Moçambique

A Obra da Rua nasceu pequenina e rasteira — «ao jeito dos Pobres»

A Obra da Rua nunca viveu de promessas nem alimentou esperanças em quem as faz. Nasceu pequenina e rasteira, «ao jeito dos Pobres» — como dizia Pai Américo. Mas que ele passou por elas, passou. A sua experiência era escrínio de sabedoria. A gente ainda cai.

Fomos abordados por uma Empresa que propôs, de imediato, uma ajuda avultada, mediante plano elaborado em conformidade, para a recuperação de uma pequena parte das instalações agrícolas para Escola dos Rapazes. Afinal, todos os dias ali vão sem o mínimo de condições. As carteiras são oito, apenas. Eles, trinta e dois. Um quadro e livros. Deus nos acuda! Recorremos à Escola Portuguesa, mas só nos dispensaram alguns exemplares. E vale-nos o nosso Álvaro Henriques, agora à frente do Banco de Fomento e Exterior, com fotocópias toda a semana. Livros de cá, só por acaso se encontram no mercado paralelo e muito aquém do necessário, em temática e pedagogia.

Pois o nosso processo entrou na Empresa. Precisou de mais acertos e foi para despacho. E mereceu afinal um registo negativo: «Crianças da rua não se devem entregar a entidades religiosas que não preparam para a vida. Só a Polícia tem meios e métodos adequados». Assim mesmo! É espantoso, não é? Será possível, ainda hoje, que em algum lugar do mundo seja assim? Montessori, Dom Bosco, Padre Dehon, Pai Américo estão *excomungados* no despacho deste senhor. Pensava eu que esta entidade se regia por critérios modernos; ao menos por padrões evoluídos e elevados, que a tornasse verdadeira defensora dos Direitos da Criança, indiferente à raça e cor. Será que está a financiar a Polícia na construção de cadeias, na formação de juízes para condenar as Crianças da rua?

Nós desfraldamos as nossas bandeiras que são eles mesmos. Podíamos apresentar muitos dos que passaram na ex-Casa do Gaiato, como volta e meia ainda é referida nos meios de Comunicação Social. Ficamos espantados. E tomamos o dito por uma pedrada que errou o alvo e continuamos tranquilos.

Temos um bom grupo de amigos que se encontram na *Academia do Bacalhau* e nos acompanham com atenção e carinho.

Tivemos o senhor Presidente que oficialmente nos visitou, ali mesmo no meio das ruínas, que ainda são as nossas instalações, e beijou um dos nossos mais pequeninos, a quem falou demoradamente em chagana porque ainda não sabe o português.

Feitas as contas pela rama, o saldo é muito positivo. Mas nós somos uns mandados. Saboreamos e damos a saborear aos que temos um amor muito maior — o amor que Deus nos dá em abundância, mais os meios que providencialmente temos. Não temos tudo. Mas que bom termos o suficiente para cada dia!

Padre José Maria

UMA CARTA

«Envio este cheque que se destina à minha assinatura d'O GAIATO. O que sobrar que seja usado para qualquer das tantas e tão vastas necessidades que, em cada jornalzinho vêm relatadas. E chamo-lhe assim só pelo carinho, porque ele é grande, grande...!

Para cada necessidade bem queria ter dinheiro e poder para acudir. Mas, o que eu mais queria, era dar a minha ajuda em pessoa; ser uma dessas 'Mães' de que tanto precisais e pedis, já que Deus não me deu crianças a mim, senão aquelas com quem trabalho e de quem tanto gosto. Ou, também, aqueles 'felizes em Deus' do Calvário. Mas tenho em casa um 'filho', graças a Deus saudável, velhinho: o meu pai que precisa de mim. Por isso, só posso dar algum dinheiro e as minhas orações pela Obra da Rua.

Assinante 21788»

NOVOS ASSINANTES

O verbo querer

Cresce a expansão d'O GAIATO no seio das famílias dos Leitores! *«Mandem o Jornal para a minha mãe. Gosta muito de o ler»* — peroram de Sandiães.

Carta muito curiosa, duma terra de Arouca: *«Peço assinatura para mim, minha filha e três netos, que precisam d'O GAIATO. Esta lembrança nasceu do facto de, há duas semanas, ter lido a sério o jornal, comprado na Rua Santa Catarina, Porto, a um dos vossos pequenos, e apenas com a ideia de 'passar' uma vista de olhos, no café mais próximo, enquanto a mulher fazia umas ligeiras compras... Nunca pensei que ele (já o lera antes diversas vezes) tivesse tanto para dar!»*

O verbo *querer*, no presente, está no coração de muitos Leitores ocasionais. É expressivo!: *«Quero ser assinante. Não posso contribuir com muito, porque sou pensionista. Tenho 70 anos e pouca saúde. Mas, estive em casa duma amiga minha, deu-me a ler o Jornal e gostei muito»*.

Na Capital, alguém levanta o pregão e diz muito em poucas palavras: *«Desejo ser assinante. Não posso esquecer ou dormir perante este mundo... Deus não quer assim»*.

Torres Novas: *«Tenho lido O GAIATO e desejo assiná-lo. Nas horas vagas faço uns trabalhinhos donde me vem algum provento para, assim, distribuir pelos Pobres»*.

Lagoa (Algarve): *«Venho pedir O GAIATO. Já li alguns e agradeço o testemunho de generosidade e doação que nos dá, por tão boa Obra que me faz bem»*.

Sinal mais

Agora, outros apaixonados não resistem a *incendiar* o mundo com a mensagem do pequenino *Desordeiro*. Vila da Feira: *«Inscrevo mais quatro assinantes. Irmãos que desconhecem a Obra da Rua. Mas, quando saborearem a sua leitura vão agradecer. Como é tão bom sentir amor pelo Próximo! O GAIATO desperta corações adormecidos...»*

Espinho: *«O que sobra, da minha anuidade, será para uma nova assinante (..) que, depois de visitar a Casa do Gaiato, de Paço de Sousa, ficou encantada, emociona-*

Continua na página 4

SETÚBAL

Continuação da página 1

Trouxeram flores, ensaiaram cânticos, cantaram a Missa, numa alegria e comunhão de fé reveladores dos motivos da sua peregrinação!

Saíram de Aveiro às sete da manhã, no acalorado dia vinte de Maio. Ainda se perderam no caminho: — *A Casa do Gaiato está muito mal sinalizada nos seus acessos!*

Era quarta-feira. Gente de trabalho, povo humilde, deixou a sua intensa actividade e pôs-se em viagem iluminado e em busca de mais luz.

A Palavra de Deus, servida na celebração, vinha mesmo a propósito. Aliás, ela vem sempre neste jeito quando se vive. Só é teórica quando a vida dos que a proclamam é também uma teoria.

O ofertório solene com velas, flores, espigas de trigo e folhas de videira rendeu 315.772$50 que coloquei no altar com as lágrimas de júbilo, as intenções particulares de cada um, mais as da Igreja e o coração feliz e grato dos participantes e meu.

Quando os Pobres estão no centro, a Missa é sempre Eucaristia — Acção de Graças. Quando eles estão ausentes transforma-se num rito frio.

Música ao vivo

Ao almoço partilhado seguiu-se uma festa com música ao vivo, como agora se diz, onde os rapazes foram alvo de muito carinho.

Deixaram uma súplica: — *Venham fazer a vossa Festa ao Aveirense!*

Gosto muito destas peregrinações. Elas resultam em conversão, infalívelmente. É a experiência que o diz. Quando vou aos Pobres e palpo o desaconchego da sua habitação, a falta de espaço, a ausência de água, luz e esgotos, o mau cheiro, a carência de higiene, de hábitos humanos e de governo, o abandono e a degradação, venho mais convertido à vida de Jesus, e com mais vontade de ser pobre como Ele.

Quando ouço falar das peregrinações programadas pelas agências de viagens, ou turismo a grandes distâncias com enormes despesas, ainda que sejam a santuários marianos de reconhecida idoneidade, fico sempre a perguntar-me se estes cristãos visitam os Pobres de coração aberto e partilhado e a duvidar se este será o caminho da conversão evangélica.

Festas

As nossas Festas continuam em apoteose.

Agora, com os rapazes bem rodados, resultam sem o mais pequenino senão e aperfeiçoam-se cada vez mais.

Em Sarilhos Grandes, uma povoação dos arredores do Montijo, o povo acorreu em massa. Foi necessário arranjar mais bilhetes à última hora, e, com cadeiras, preencherem-se todos os espaços! Os homens vivem sedentos de luz. Necessário é que ela brilhe. A nossa Festa é toda Luz!

Alguém desabafava connosco: — *Com um espectáculo destes não há ninguém que se não vergue!*

Entretanto, aguardamos confirmação da Festa no Teatro Aveirense, AVEIRO, para os finais do corrente mês de Junho.

— Dia 16 de Junho, às 21,30h, **no Campo de Futebol de ÁGUAS DE MOURA, em palco improvisado.**

Padre Acílio

MALANJE

Rodas sem grão na tremonha

SEMPRE latente o perigo das comunidades religiosas se tornarem círculos apertados, em vez de linhas evangélicas em direcção às pessoas nos bairros, nos prédios e na rua. De volta das nossas casas, de nós próprios e das nossas instituições, não chegaremos a algum lugar... E o perigo de nem, sequer, vermos o tesouro ou descobrirmos o dracma perdido.

Insensívelmente, sem darmos por tal, todos nós podemos cair nas voltas e voltinhas... Rodas de azenha sem grão na tremonha. Menos preocupação, o Senhor foi claro com o que havemos de comer e de vestir... O nosso povo veste pobremente, come mal e vive em cubatas.

Que o Senhor nos ajude a encontrar o caminho. Não é nada fácil.

Carta aos Leitores

Ainda não falei do nosso cruzeiro: É uma cruz de pedra «picada», assente sobre uma pequena rocha. Quando da revolução, pusemo-lo no tractor e fomos erguê-lo numa aldeia a dominar um vale. Ali ficou durante 14 anos. Veio, há dias, recatadamente. O mesmo processo de o apear e erguer. É, de novo, o sinal no centro da nossa Aldeia.

O altar de pedra serviu, o mesmo tempo, na capela da sanzala de Camisage. O mesmo garibalde e ei-lo de novo com a cara lavada na nossa linda capela. Digo linda (como os filhos das mamãs, sempre os mais belos — para elas!), porém, um pouco desolada e triste...: Fizeram lume nos tacos; dormiram lá as vacas; os vitrais esburacados; e os buracões das portas projectados nos campos verdes.

Na próxima semana virá o sacrário — num bloco de pedra trabalhada com uma portinha de prata. Ficou na capela dum bairro da cidade. Pintaram-no com tinta. Vamos lavá-lo a cinzel. Ficará novo.

Há dias, veio uma Irmã: «Aqui estão os seus castiçais». E outra: «Olhe que o cálice da capela está connosco». Fiquei feliz pois lhes tinha perdido o tino.

E a imagem de Nossa Senhora — de castanho velho? Dizem, e é natural que sim, que a dei a umas Irmãs. O Neca vai fazer outra dum tronco seco de castanho que lhe deixei. Terá um semblante triste para reflectir as dores deste Povo. E pronto. Para todos as maiores alegrias e muita paz.

É esta a primeira carta escrita no nosso escritório, nesta hora de sol-pôr. Pela janela, o céu rubro! E a bola do sol descendo, suavemente, por detrás duma gravília.

Caixa Postal 192 — Malanje — Angola

Padre Telmo

Novos Assinantes

Continuação da página 3

da, pelo que me pediu para receber o Famoso».

O sinal *mais* não olha a idades, pois a alma não envelhece.

Lisboa: «*Mais um assinante para o querido O GAIATO. É uma pessoa amiga, de há muito. Peço que desculpem os meus enganos..., mas a cabeça já está fraca. São 92 anos!*» Ao longo de trinta anos, esta Amiga tem motivado muita gente para a Família do nosso Jornal!

Júlio Mendes

ENCONTROS EM LISBOA

O trigo e o joio

Uma das passagens do Evangelho onde se mistura o enigmático e a sabedoria é, sem dúvida, a parábola do trigo e do joio. Crescem juntos, misturados. Sabemos que têm diferente semeador e também diferente fruto. A tentação é separá-los, logo de início, arrancar o joio para só deixar o trigo. Mas estão tão juntos que arrancar um pode também prejudicar o outro. Assim, a sabedoria aconselha que se deixem crescer os dois e, no fim, se fará a separação.

Pai Américo, iluminado pelo Evangelho, aplica à Casa do Gaiato a parábola, exclamando: «Somos a seara imensa do trigo e do joio». Esta mistura do trigo e do joio é sentida, vivida e sofrida no dia-a-dia da comunidade e também na vida de cada um. O sonho e a utopia gostariam que não fosse assim. A vida ensina-nos a não fazer fugas para a frente e a submetermo-nos à realidade.

Nas nossas comunidades mistura-se o bem e o mal. Rapazes cheios de qualidades, empreendedores, generosos, verdadeiros. Mas igualmente rapazes que se revestiram de tudo o que não presta, faz mal ou é empobrecedor do ponto de vista da dignidade ou da verdade. Tranquilizaria a vida da Casa fazer uma *purga*. No entanto, não seria sábio porque o fruto ainda não amadureceu e, até lá, é preciso exercer a paciência da espera. Quem sabe, o milagre pode acontecer!

Um destes dias fomos realizar uma Festa que decorreu muito bem, as pessoas gostaram e os nossos rapazes sentiam-se felizes pela sua actuação. Houve, porém, dois que decidiram mostrar um pouco do joio que os habita. Com as suas amiguinhas da escola resolveram dar um certo escândalo com piadinhas, risinhos suspeitos, etc. Uma cena que caíu mal. Quiseram mostrar-se aos outros e fizeram-no da pior maneira. Tive que ouvir os comentários dos mais avisados: «Pareciam uns parvinhos»; «se andam com aquelas malucas não vão bem»; «é preciso ser parvo para fazer aquelas cenas». Também algumas pessoas amigas da Casa chamaram a atenção. Deu a impressão que os dois nem se aperceberam do ridículo em que caíram e talvez diante dos menos avisados tivessem pensado que estavam a ser uns heróis. É o joio que está dentro deles. Com o joio também se aprende. Tem essa utilidade. Faz ver o mal no espelho e quem tem o coração puro e procura a inocência torna-se mais forte.

Os nossos rapazes, geralmente, chegam doentes. Doenças nascidas na miséria e na indignidade humana. Às vezes essas doenças estão tão enraizadas neles que pretendem inverter a ordem das coisas arvorando o mal em virtude. É o joio. No meio disso trazem também escondidas qualidades enormes com dificuldades de se manifestarem e expandirem. Não os podemos criar e educar em redomas de vidro ou em estufas. Temos que deixar que o tempo, o exemplo, o conselho, a paciência e a graça de Deus façam o seu trabalho. O bem existente virá a fortalecer-se pelas lutas travadas. O mal, se vencedor, em breve mostrará os seus frutos devoradores.

Imensa seara do trigo e do joio! Somos, às vezes, agricultores impacientes e pouco sabedores nos enigmáticos caminhos do que se deve e pode fazer.

Padre Manuel Cristóvão

Dias Mundiais

Continuação da página 1

necessidade de revelar as suas descobertas, convicto do interesse que elas têm para todos os homens: os que precisam de ajuda e os que *precisam de* ajudar. O seu propósito é de salvação. Nele não distingue pobres e ricos. Muito menos os separa na sua acção sacerdotal. Daí, a necessidade de comunicar para unir. E desde logo aproveita a abertura do semanário da sua Diocese para proceder como o Mestre, conforme nos recorda João Paulo II na sua mensagem deste ano para este Dia: «Cristo não impôs o Seu ensinamento a ninguém. Apresentava-o a todos sem excepção, dando ao homem a liberdade de responder ao Seu convite.(...) Pedimos que cada homem e mulher tenha o direito de conhecer a Mensagem salvífica que Ele nos deixou; e pedimos para eles o mesmo direito de abraçar esta Mensagem, se ela os convence. Longe de nos sentirmos constrangidos a desculpar-nos pelo facto de darmos a conhecer a todos a Mensagem de Cristo, reclamamos, convictos, o nosso direito e obrigação de o fazer».

As descobertas de Pai Américo no seu andar por lá contrangiam-no, sim, a dar a conhecer a todos que «a resposta dos cristãos ao mal é, principalmente, escutar o Evangelho, (...) compartilhar as 'boas novas' que os cristãos têm para comunicar a todo o ser humano de boa vontade que está disposto a escutá-las», e que esta transmissão se faz, «em primeiro lugar, por meio do testemunho da nossa vida, dado que, como disse o Papa Paulo VI muito sábiamente: 'O homem contemporâneo escuta com melhor boa vontade as testemunhas do que os mestres, ou então, se escuta os mestres, é porque eles são testemunhas'».

O nosso Estatuto Editorial

Quanto nos conforta a sintonia de palavra dos Papas com a mente de Pai Américo, desde há sessenta anos, justamente (1932 — 1992).

A abertura do semanário diocesano de Coimbra, de outras publicações, mais tarde — não satisfizeram a ânsia de comunicar que o queimava. É Pai Américo quem o confessa, no advento d'O GAIATO, ao louvar e agradecer a Deus por ter enfim um jornal seu, aonde «todo o espaço e todo o tempo é pouco para revelar Cristo às almas»; aonde «pela força e crédito do que se escreve, se defendem os direitos e se levam os homens a reconhecer e a respeitar o Pobre». Por isso, «aquele a quem Nosso Senhor deu o talento de escrever, escreva como quem reza; prepare-se como quem vai falar de Deus — que só desta forma corresponde e faz valer o dom».

Perguntavam-nos, há dias, da Alta Autoridade para a Comunicação Social pelo nosso Estatuto Editorial.

Ei-lo.

Padre Carlos

O Gaiato

Director: Padre Carlos — Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Adm., fotocomp. e imp.:Casa do Gaiato – Paço de Sousa – 4560 Penafiel
Tel. (055) 752285 – Cont. 500788898 – Reg. D. G. C. S. 100398 – Depósito Legal 1239

Tiragem média por edição no mês de Maio: 74.050 exemplares.